

Obras dos autores publicadas pela Galera Record:

Nick & Norah: Uma noite de amor e música

Naomi & Ely e a lista do não beijo

O caderninho de desafios de Dash & Lily

um

-Dash-

21 de dezembro

Imagine o seguinte:

Você está na sua livraria favorita, olhando as prateleiras. Chega à seção onde ficam os livros de um de seus autores favoritos, e ali, aninhado confortavelmente entre as lombadas incrivelmente familiares, há um caderninho vermelho.

O que você faz?

Acho que a escolha é óbvia:

Pega o caderninho vermelho e o abre.

E faz o que ele mandar você fazer.

O Natal chegava à cidade de Nova York, a mais detestável época do ano. As multidões bovinas, as visitas sem fim de parentes malas, a alegria falsificada, as tentativas desanimadas de demonstrar animação... Minha aversão natural ao contato humano só poderia se intensificar nesse contexto. Aonde quer que fosse, eu sempre ficava do lado errado do estouro da manada. Não estava disposto a conquistar a "salvação" por meio de nenhum "exército". Jamais me importaria com a brancura do Natal. Era deembrista, bolchevique, criminoso de carreira, um filatelista encurralado por uma angústia desconhecida; qualquer coisa que todo mundo não fosse, eu estava disposto a ser. Andava o mais invisivelmente que conseguia pelas hordas pavlovianas de gastadores e bêbados, pelos desestudantes duros de férias, pelos estrangeiros que atravessaram meio mundo para ver uma árvore ser acesa, sem perceber o quanto aquele ritual era completamente pagão.

O único lado bom desse período sombrio era que a escola estava fechada (presumivelmente para que todos pudessem comprar *ad nauseam* e descobrir que a família, assim como o arsênico, funciona

melhor em pequenas doses... a não ser que você prefira morrer). Este ano, consegui me tornar órfão voluntário no Natal, após dizer para minha mãe que passaria a data com meu pai e, para ele, que ficaria com minha mãe, de forma que os dois planejaram viagens não reembolsáveis com seus amantes pós-divórcio. Meus pais não se falavam havia oito anos, o que dificultava a determinação da verdade precisa e me proporcionava bastante tempo para mim mesmo.

Eu pulava de um apartamento para o outro enquanto eles viajavam, mas passava a maior parte do tempo na Strand, aquele bastião de titilante erudição, que não parecia tanto uma livraria, mas uma colisão de cem livrarias diferentes, com destroços literários espalhados por quase 30 quilômetros de prateleiras. Ali, os funcionários vagavam encurvados e distraídos, de jeans skinny e camisas de botão compradas em brechós, como irmãos mais velhos que nunca, jamais se darão ao trabalho de falar ou de se importar com você, ou até mesmo de reconhecer sua existência se os amigos estiverem por perto... e eles sempre estão. Algumas livrarias querem fazer você acreditar que são um centro comunitário, como se precisassem organizar cursos de confeitaria para conseguir vender Proust. Mas a Strand o deixa completamente sozinho, preso entre as forças opostas da organização e da idiosincrasia, com a última vencendo todas as vezes. Em outras palavras, era meu tipo de cemitério.

Normalmente, meu humor era o de não procurar nada em particular quando ia à Strand. Em alguns dias, decidia que a tarde seria patrocinada por uma determinada letra e visitava toda e cada seção para ver os autores cujos sobrenomes começavam com ela. Em outros, resolvia me atirar sobre uma única seção, ou investigava os volumes recém-incluídos, enfiados em montes que nunca se encaixavam na ordem alfabética. Ou então, procurava apenas por livros com capas verdes, porque fazia muito tempo que não lia algo de capa verde.

Podia passar meu tempo com amigos, mas a maioria estava passando tempo com as famílias ou os Wiis. (*Wiis? Wiii?* Qual é o plural?) Eu preferia ficar com os livros mortos, moribundos ou desesperados; *usados* é como os chamamos, de uma forma que jamais chamaríamos ninguém, a não ser que quiséssemos falar de forma cruel. (“Vejam Clarissa... ela é uma garota tão *usada*.”)

Era incrivelmente livresco, a ponto de simplesmente o anunciar em voz alta, o que eu sabia não ser socialmente aceitável. Amava o adjetivo *livresco*, que descobri ser uma palavra usada por outras pessoas com

tanta frequência quanto *fuste*, *assecla* ou *abstêmio*.

Nesse dia específico, decidi verificar alguns dos meus autores favoritos em busca de alguma edição irregular adquirida com a compra da biblioteca de alguma pessoa recém-falecida. Estava observando um desses favoritos (vou deixá-lo anônimo, porque posso me voltar contra ele algum dia) quando vi uma coisa vermelha. Era um Moleskine vermelho, que não era mole nem *skinny*, mas era o caderninho preferido de meus semelhantes que sentiam a necessidade de escrever de forma não eletrônica. Dá para saber muita coisa pelo tipo de página que uma pessoa escolhe para escrever; eu era rigidamente um homem de folhas pautadas, portador de talento algum para ilustração e de um garrancho microscópico que fazia as pautas largas parecerem espaçosas. As páginas lisas costumavam ser as mais populares; só tinha um amigo, Thibaud, que preferia as pautadas. Ou preferiu, até que os orientadores educacionais confiscaram seus caderninhos para provar que ele planejava matar nosso professor de história. (Essa é uma história real.)

Não havia nada escrito na lombada desse caderninho em particular. Precisei tirá-lo da prateleira para ver a frente, onde havia um pedaço de fita crepe com as palavras “VOCÊ TEM CORAGEM?” escritas com caneta permanente preta. Quando abri a capa, encontrei um bilhete na primeira página.

Deixei algumas pistas para você.

Se as quiser, vire a página.

Se não, coloque o caderninho de volta na prateleira, por favor.

A caligrafia era de menina. Ah, dá para saber. Aquela encantadora letra cursiva.

De uma forma ou de outra, me empenharia em virar a página.

Aqui estamos.

1. Vamos começar com Pianismo francês.

*Não sei bem o que é isso, mas imagino
que ninguém vá tirá-lo da prateleira.*

Charles Timbrell é o cara.

88/7/2

88/4/8

Não vire a página

enquanto não preencher as lacunas

(só não escreva no caderninho, por favor).

Não posso dizer que já tenha ouvido falar de pianismo francês, embora, se um homem na rua (usando chapéu-coco, claro) me perguntasse se eu acreditava que os franceses faziam o estilo pianístico, teria facilmente respondido que sim.

Como os corredores da Strand eram mais familiares para mim que a(s) casa(s) da minha família, sabia exatamente onde começar: na seção de música. Parecia até trapaça ela ter me dado o nome do autor. Será que pensava que eu era simplório, preguiçoso, *tacanho*? Queria um pouco de crédito antes mesmo de o merecer.

O livro foi encontrado com facilidade (ao menos, para alguém que tinha 14 minutos sobrando) e era exatamente como imaginei que seria: o tipo de livro que pode permanecer em uma prateleira durante anos. A editora não tinha se dado ao trabalho sequer de colocar uma ilustração na capa. Só as palavras *Pianismo francês: uma perspectiva Histórica*, Charles Timbrell, e depois (em uma nova linha), *Introdução de Gaby Casadesus*.

Imaginei que os números no Moleskine fossem datas. 1988 deve ter sido um ano e tanto para o pianismo francês, mas não consegui encontrar nenhuma referência a 1988... nem a 1888... ou 1788... e nem a nenhum outro ano de 88, na verdade. Fiquei entravado... até me dar conta de que minha fornecedora de pistas tinha recorrido ao antigo mantra dos livrescos, *página/linha/palavra*. Fui até a página 88 e verifiquei a linha 7, palavra 2 e depois a linha 4, palavra 8.

Você vai

Eu ia o quê? Precisava descobrir. Preenchi as lacunas (mentalmente, respeitando os espaços virgens como ela pediu) e virei a página do caderninho.

Tudo bem. Nada de roubar.

*O que incomodou você na capa desse livro
(fora a falta de arte)?*

Pense nisso, então vire a página.

Bem, essa foi fácil. Odiei terem usado letra maiúscula em *perspectiva Histórica* quando tudo deveria estar em minúscula, porque o adjetivo não leva letra maiúscula.

Virei a página.

*Se disse que foi o uso enganoso da maiúscula em
“perspectiva Histórica”,
continue.*

*Se não, faça o favor de colocar o caderninho
de volta na prateleira.*

Mais uma vez, virei a página.

2. Rainha do baile gorda e promíscua

64/4/9

119/3/8

Nada de autor desta vez. Isso não ajudou.

Levei *Pianismo francês* comigo (acabamos ficando íntimos, não podia abandoná-lo) e fui até a mesa de informações. O cara sentado atrás dela parecia que tinha tomado uma Coca Zero na qual alguém colocara alguns comprimidos de lítio.

— Estou procurando *Rainha do baile gorda e promíscua* — declarei.

Não respondeu.

— É um livro — falei. — Não uma pessoa.

Não. Nada.

— Pode ao menos me dizer quem é o autor?

Ele olhou para o computador, como se houvesse um jeito de a máquina falar comigo sem que ele tivesse que digitar nada.

— Está usando fones de ouvido que não consigo ver? — perguntei.

Ele coçou a parte interna do cotovelo.

— Você me conhece? — insisti. — Dei uma surra em você no jardim de infância e agora está tendo um prazer sádico com essa vingança mesquinha? Stephen Little, é você? É? Eu era muito mais novo e fui um idiota de quase afogá-lo naquele chafariz. Em minha defesa, o fato de ter destruído meu trabalho sobre aquele livro foi um ato de agressão completamente gratuito.

Finalmente, uma resposta. O funcionário da mesa de informações balançou a cabeça desgrenhada.

— Não? — indaguei.

— Não tenho permissão de informar a localização de *Rainha do baile*

gorda e promiscua — explicou. — Nem para você nem para ninguém. E apesar de não ser Stephen Little, você devia ter vergonha do que fez com ele. *Vergonha*.

Tudo bem, isso ia ser mais difícil do que eu pensava. Tentei carregar a página da Amazon no meu celular para fazer uma busca rápida, mas não havia sinal dentro da loja. Concluí que *Rainha do baile gorda e promiscua* não deveria ser não ficção (imagine se fosse!), então segui para a seção de literatura e comecei a olhar as prateleiras. Como o resultado foi infrutífero, lembrei-me da seção adolescente no andar de cima e me dirigi até lá. Passei direto por qualquer lombada que não tivesse algum detalhe rosa. Todos os meus instintos diziam que *Rainha do baile gorda e promiscua* teria ao menos alguns desenhos cor-de-rosa. E eis que, de repente, cheguei à parte do M, e ali estava.

Abri nas páginas 64 e 119, e encontrei

mesmo querer

Virei a página do Moleskine.

Muito habilidoso.

Agora que encontrou isso na seção adolescente,

tenho que perguntar:

Você é um garoto adolescente?

Se for, vire a página.

Se não, devolva o caderninho para o local onde o encontrou.

Tinha 16 anos e me identificava com o gênero exigido, então me livrei desse obstáculo com facilidade.

Página seguinte.

3. A alegria do sexo gay

(terceira edição!)

181/18/7

66/12/5

Bem, não havia dúvida de em qual seção *esse* estaria. Assim, fui até as prateleiras de Sexo e Sexualidade, onde os olhares eram alternadamente furtivos e desafiadores. Pessoalmente, a ideia de comprar um manual de sexo usado (de qualquer orientação sexual) me parecia meio desagradável. Talvez fosse por isso que houvesse quatro exemplares de

A alegria do sexo gay nas prateleiras. Abri na página 66, descii até a linha 12, palavra 5 e encontrei:

pinto

Recontei. Verifiquei.

Está na hora do pinto?

Talvez, pensei, pinto estivesse sendo usado no sentido de verbo (como em *Se você quiser, eu pinto seu vestibulo*).

Fui até a página 181, e não sem certo sobressalto.

Fazer amor sem barulho é igual a tocar um piano mudo; é ótimo como treino, mas você rouba de si mesmo a possibilidade de ouvir os resultados gloriosos.

Nunca achei que uma única frase pudesse, ao mesmo tempo, tirar tão enfaticamente a graça da ideia de fazer amor *quanto* de tocar piano, mas ali estava.

Não havia nenhuma ilustração acompanhando o texto, felizmente, e eu tinha minha sexta palavra:

brincar

O que me deixava com:

Você vai mesmo querer brincar pinto

Não me parecia certo. Fundamentalmente, em termos de gramática, não parecia certo.

Olhei de novo a página do caderninho e resisti à vontade de virar para a próxima. Ao observar a caligrafia feminina, percebi que confundi um 6 com um 5. A página que deveria olhar era a 65 (não a versão júnior do número do diabo).

disso

Fazia bem mais sentido.

Você vai mesmo querer brincar disso...

— Dash?

Virei-me e encontrei Priya, uma garota da escola; mais que conhecida, menos que amiga. Uma *conhemiga*, na verdade. Era amiga da minha ex-namorada, Sofia, que agora estava na Espanha. (Não por minha causa.) Priya não tinha traços de personalidade que eu conseguisse discernir, embora, para ser justo, nunca tenha tentado procurar.

— Oi, Priya — cumprimentei.

Ela olhou para os livros que eu estava segurando: um Moleskine vermelho, *Pianismo francês*, *Rainha do baile gorda e promíscua* e, aberto em um desenho bem explícito de dois homens fazendo algo que, até